



INSCRIÇÕES URBANAS: A CIDADE COMO SUPORTE DE OUTRAS ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS

Julia Casotti Nogueira (PUC-Rio)

Resumo: Esta publicação pretende refletir sobre o impacto de inscrições artísticas no Rio de Janeiro, cidade vista como suporte de outras possíveis escritas contemporâneas. A intenção é analisar como as inscrições urbanas, criadas a partir de palavras, instauram uma outra situação discursiva que fissa o poder da ordem, da limpeza e de “quem pode dizer o quê” na cidade. O interesse é pensar o espaço público como algo que também é meio de produção de sentido, se desloca o tempo todo e extrapola as tentativas de significação estática.


Palavras-chave: Inscrições urbanas; Rio de Janeiro; escritas contemporâneas

Hoje. O que nos afeta? O que tem o poder de nos afetar? Quais são os desejos que ainda resistem? Quais maneiras criamos como outras possibilidades de pensar, de sentir, de inventar novas realidades?

O momento contemporâneo é fragmentado, feito de constantes rupturas, tanto na percepção quanto na recepção. Contemporâneo, para alguns, pós-modernos, para outros, ou altermodernidade, como sugere o crítico francês Nicolas Bourriaud (2008). Bourriaud busca, através desse conceito, estabelecer um espaço no qual as diferenças possam sofrer constantes recombinações e multiplicações. Como um arquipélago de singularidades conectadas umas às outras.

Tudo está em disputa, inclusive estruturas do pensamento. A disputa também se dá pela construção de sentidos coletivos, em uma tentativa de dar voz e visibilidade aos que são apagados a cada dia. Respiramos política – entre macro e micropolíticas. Mesmo que estejamos um pouco apáticos – haja força para enfrentar o turbilhão de notícias diárias. Quem lê tanta notícia?

Assim, seguimos: ora conectados-fragmentados ora efêmeros-intensos. Nas cidades, não poderia ser diferente. Repleta de fragmentos, de disputas simbólicas, de imagens nômades. O corpo urbano é marcado, tatuado, ocupado. Algumas dessas marcas, dessas imagens, chamo nesta comunicação de inscrições urbanas. Palavras, frases, lambe-lambes, cartazes ganham corpo na cidade. Tinta, grafite, spray e colagem são alguns dos meios que tornam essa materialização possível. Será que chamam atenção de quem vive nos centros urbanos? Será que são mesmo respiros poéticos/sensíveis? São apontamentos que questionam e transformam a vida? São




símbolos de democratização do espaço público? Paramos para notá-las? E se parássemos para olhar?

Ao pesquisar sobre as “Inscrições urbanas e a cidade como suporte de outras escritas contemporâneas”, encontrei o site do Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT), centrado no Rio de Janeiro. A pesquisa surgiu de uma iniciativa interdisciplinar entre pesquisadoras de diferentes instituições do Rio, como o programa de Arquitetura e Urbanismo e a Escola de Belas Artes da UFRJ, assim como o Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. O site, que entrou no ar em 2016, disponibiliza o mapeamento de intervenções temporárias no Rio, permitindo que qualquer pessoa possa pesquisar, manter-se informada e indicar novas intervenções que estejam acontecendo ou que já tenham ocorrido na cidade.

O objetivo é aprofundar as relações entre as intervenções temporárias e os espaços coletivos da cidade, construindo cartografias instantâneas, que permitam entender como os locais são apropriados. Os pesquisadores do laboratório defendem que é possível repensar os espaços coletivos contemporâneos para que sejam mais significativos para os usuários. O LabIT também busca executar intervenções concretas que possam ativar espaços esquecidos ou subutilizados da cidade, contribuindo para transformações mais duradouras.

Além das inscrições encontradas na página do LabIT, há algumas frases/palavras que encontro diariamente pela cidade, e até pelas redes sociais, compartilhadas em contas de amigos e em contas específicas que pensam práticas de intervenção. Amar é simples. Amar é complexo. Temos muito em comum. Todo mundo é bom. Novos mitos esperando serem descobertos. Ou a frase: Não vai ter golpe (nos tempos em que ainda acreditávamos que seria possível não ter). É permitido. Desejo. Seria místico se não fosse máscara. Dó. Pense numa confusão. Vulcão. Tem que saber descer. Liberdade para Rafael Braga. No poder só tem playboy. Nenhuma informação é confiável. Não aceitaremos política higienista. Aqui também cabe um mundo. Fora Temer!

As inscrições urbanas instauram uma outra situação discursiva que fissa o poder da ordem, da limpeza e de “quem pode dizer o quê” na cidade. O espaço público também é meio de produção de sentido, abertura ao risco, se desloca o tempo todo e promove formas de suspensão. É o corpo na cidade em experiências de trânsitos que



transforma a própria cidade e pela cidade são transformados, como bem apontou Ericson Pires, em “Cidade Ocupada” (PIRES, 2007).


Todos esses encontros nos muros são experiências estéticas que produzem outras maneiras de perceber o cenário urbano e criam diferentes relações afetivas com a cidade que não a da objetividade do dia a dia. Um lugar de experiência, de diálogo e de relações lúdicas é proposto. Há um terreno fértil que busca produzir novas maneiras de ver, sentir, perceber, ser. Como afirma o pesquisador Henrique Mazetti (2006), a cidade com todas essas intervenções renova-se como lugar de troca simbólica.

As práticas demonstram como quem habita esses espaços foge à suposta passividade e massificação dos comportamentos a que estariam entregues. São procedimentos populares que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com eles a não ser para alterá-los. Esses movimentos caracterizam as políticas pós-modernas, com ênfase na fragmentação, ocorrendo a substituição da macropolítica por micropolíticas de subjetividade e transformações locais. A diversidade das manifestações nas ruas, com uma amplitude de interesses de grupos ou atos individuais engajados acaba se destacando, e intervenções, como políticas afetivas, atuam no campo de representações (MAZETTI, 2006).

Inscrição como arte

Já ao pensar as inscrições como trabalho artístico, é possível encontrar uma inespecificidade, uma perda de autonomia e a expansão do campo da Arte. Assim, a dimensão estética também ganha o poder de contaminar as iniciativas políticas. Ao criar inscrições plasticamente atraentes feitas em espaços públicos, há um estímulo para a tomada de consciência crítica de direitos de cidadania, indicando novos aproveitamentos de lugares e edificações.

As inscrições nas cidades também podem ser pensadas a partir do conceito de anti-arte de Hélio Oiticica, em que a criação só se completa pela participação dinâmica do espectador, considerado agora participante. O conceito marca uma ligação definitiva entre manifestação criativa e coletividade, uma comunhão com o meio ambiente, sem forma fixa, em que há a reunião indivisível de todas as modalidades em posse do artista ao criar: cor, palavra, luz, ação, construção. Assim, ao escolher o espaço público como meio para dividir uma sensação/reflexão/ideia, o “criador” dessas inscrições também



busca estabelecer uma relação de troca com quem transita por esses centros urbanos. A coletividade e a participação estão em pauta.

A ocupação na cidade gera visibilidade e abre portas para possíveis diálogos/sensações por quem habita os centros urbanos. A vontade de expor, de marcar a cidade, de se conectar só é possível através dessa ocupação e há uma dupla dinâmica entre espectador-participador – visto que a troca só pode ser concretizada se as inscrições são “enxergadas”, “notadas”. E também em que o próprio espectador pode participar ativamente da criação artística, gerando, por exemplo, novos escritos em cima dos trabalhos já expostos nas ruas.

Mapeados para desaparecerem, os escritos produzem uma presença que logo será ausente, mas que pode ser capaz de produzir eco e outras presenças imateriais, como quando Oiticica descreve suas bólides-lata ou lata-fogo: “nada existe de mais emocionante do que essas latas sós, iluminando a noite (o fogo que nunca apaga) – são uma ilustração de vida: o fogo dura e de repente apaga um dia, mas enquanto dura é eterno.” (OITICICA, 1996, p. 104). Ou quando ele diz que museu é mundo, é experiência cotidiana e que a posição ideal de uma obra de arte é quando ela está solta, displicente, perdida no meio das ruas Rio – o que seria também a retomada de confiança do indivíduo nas suas intuições e anseios mais caros.

Como contextualiza o crítico Luiz Camilo Osório (2016), a arte brasileira desde a década de 1950 traz uma formação cultural singular, alargando suas possibilidades de compreensão. A presença do gesto, da subjetividade criativa, de uma pulsão tátil e corporal, além do uso de materiais precários, sem perda do rigor formal, são exemplos de como no processo de apropriação ocorrem deslocamentos fertilizadores de uma linguagem poética que se pretendia canônica e fixada. Tomando o Hélio, por exemplo, que para ele a grande inovação nossa seria a forma de participação, na diferença que se propõe na Europa supercivilizada ou nos EUA.

Como disse Oiticica (1974), os fios soltos do experimental são energias que brotam para um número aberto de possibilidades. No Brasil, há fios soltos num campo de possibilidades: porque não explorá-los. Luiz Camillo (2016) avalia que para além do fim da história, da arte e do museu, o que vemos é uma reavaliação do que se compreende como sendo história, arte e museu. A história se destotaliza, a arte se diversifica e os museus se democratizam, - para o bem ou para o mal.


Instaurações urbanas

Outra aposta para refletir sobre as inscrições urbanas é pensá-las como formas artísticas de instauração. Um dos guias para pensar essas ocupações é o conceito de “instauração”, noção fundamental na filosofia da arte de Nelson Goodman, usada pelo artista plástico Tunga desde a década de 1990, como afirma a pesquisadora Noéli Ramme (2012). A instauração deveria unir dois conceitos preexistentes: a instalação, que seria estática e espacial, e a performance, dinâmica e temporal. Deveria ainda indicar uma preocupação com a participação do espectador. A partir deles, podemos pensar que a instauração é da ordem não apenas do espaço, mas também do tempo; ela é um acontecimento. Entendida como a instauração de uma nova realidade, ela é, sobretudo, ação.

De acordo com Lisette Lagnado (1997), a substituição dos termos instalação e performance mostra um deslocamento de categorias já esgotadas. Por exemplo, na performance a ação ainda tem foco no corpo do artista, enquanto na instauração o público é coparticipante e criador da ação. E, como relembra Lisette, o campo da instauração mantém uma afinidade com o campo da experiência de outros artistas, como o próprio Hélio Oiticica (1937-1980) e Lygia Clark (1920-1988). Aproximando o conceito “instauração” das inscrições urbanas, é possível notar que elas ganham sentido a partir da interação com o espectador na cidade, a partir dessa produção de sentido com a ocupação do espaço urbano. Promovendo também movimentos ficcionais nas cidades contemporâneas, em que o cidadão pode ter voz através dos muros e “desordenar” o poder vigente.

Para Goodman, a arte passa a não ser modelo de contemplação passiva – não é mais só uma questão de sensação, mas sobretudo de cognição. A experiência estética é ativa, inquieta, questionadora. As artes são, para o filósofo, capazes de desenvolver modelos de realidade e expandir nosso conhecimento sobre o mundo. A experiência estética é dinâmica, e não estática, e o uso cognitivo da emoção se relacionaria de modo complexo com as propriedades do objeto, onde nada seria efetivamente visto a olho nu.

O filósofo Nelson Brissac (2004) é um dos nomes que trabalha com questões relativas à arte e ao urbanismo, e enxerga no horizonte um mundo cada vez mais opaco, em que quanto mais se retrata, mais as coisas nos escapam. “Uma obsessão que, ao invés de criar transparência, só redobra essa saturação. Qual o destino de nossas



imagens, esses espectros descartáveis e sem significado?”, indaga (PEIXOTO, 2004, p. 9).


O olhar de hoje, para o pesquisador, é um embate com uma superfície que não se deixa perpassar. Cidades feitas de fluxos, em trânsito permanente, sistema de interfaces, fraturas que esgarçam o tecido urbano. Mas esses fragmentos são responsáveis por produzir inusitados entrelaçamentos. Um campo vazado e permeável através do qual transitam as coisas, e tudo se passa nessas franjas, nesses espaços intersticiais, nessas pregas.

Peixoto (2004) destaca que as transformações mais radicais na nossa percepção estariam ligadas ao aumento da velocidade da vida contemporânea, ao aceleração dos deslocamentos cotidianos, à rapidez com que o nosso olhar desfila sobre as coisas. O tempo é a dimensão que está hoje no centro de todos os debates teóricos, de todas as formas de criação artística. Para o pesquisador, o olhar contemporâneo não tem mais tempo. Ou, o nosso adoecimento é a vontade de possuir mais tempo.

Segundo Ernest Gombrich (1960), o olhar sempre chega atrasado ao trabalho, pois está obcecado com seu próprio passado e com as velhas e novas insinuações do ouvido, do nariz, da língua, dos dedos, do coração e do cérebro. O olhar não seria um instrumento isolado e independente, mas, antes, um membro diligente de um organismo complexo e caprichoso. Não só o modo como vê, mas também o que vê é regulado pela necessidade e preconceito.

A leitura desse meio urbano, em constante transformações, se dá por aproximações, tentativas, rascunhos, e é como o “escrever” na definição de Deleuze e Guattari (1997). É caso de devir, sempre inacabado, em via de fazer-se, que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Não se chega a uma forma, mas encontra-se uma zona de vizinhança, com imprevistos.

Ao pensar o Rio de Janeiro através dessas novas paisagens contemporâneas, como redescobri-lo, construir novas imagens para esta cidade, dar outros significados e atravessamentos? Ou, como pergunta Peixoto (2004), como fazer o olho recuperar a paisagem? Trata-se de encontrar outras formas de narrar a cidade, e as inscrições urbanas, espalhadas pela capital carioca, proporcionam e revestem este outro possível cenário. As intervenções que guiam este estudo são exemplos de expansão de sensações



e dão passagem às experiências e construções no espaço urbano contemporâneo repleto de subjetividades.

E uma forma diferente de falar dessa cidade, de explorar suas novas escritas, seria a partir das primeiras impressões que temos ao chegar nela. É reparando os detalhes e os indícios – e não as velhas descrições – que se pode obter um outro possível quadro dos lugares. Perseguir os índices, as pegadas, estar sensível aos acenos sutis – luzes, nomes, barulhos – que as cidades fazem para nós, assim como o historiador italiano Carlo Ginzburg destaca os detalhes como principais sinais para desenvolver o paradigma indiciário. Em seu estudo, Ginzburg (1990) aponta o método do também italiano Giovanni Morelli, centrado na proposta de interpretação sobre os resíduos e dados marginais considerados reveladores, no final do século XIX.

Ao dialogar com os detalhes das paisagens enxergadas através de frestas por Peixoto e Ginzburg, a comunicação também busca ver aquilo que escapa no dia a dia agitado das cidades, como as inscrições encontradas no Rio de Janeiro, que também têm voz. Múltiplas vozes são reconfiguradas, ganhando vida com tintas, colagens, pixos, lambe lambes. Inscrições-símbolo de instauração ficcional para quem atravessa/vivencia/transita a capital carioca, e é essa a potência encontrada nessas ocupações urbanas.

Referências bibliográficas

BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante: por uma estética da globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.


DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: 34, 1997.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMBRICH, Ernest. *Art and Illusion*. New York: Phanteon Books, 1960.

LAGNADO, Lisette. *Tunga questiona toda ordem da arte*. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 jun. 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq170604.htm>> Acesso em: 10 de julho de 2017.

MAZETTI, Henrique Moreira. *Intervenção urbana. Representação e subjetivação na cidade*. 2006. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2017.



OSÓRIO, Luiz Camillo. *Olhar à margem: Caminhos da arte brasileira*. São Paulo: SESI-SP Editora: Cosac Naify, 2016.

OITICICA, Hélio. Experimentar o experimental. In: *Navilouca* n0380/72,22/03/1974.

OITICICA, Hélio. Posição e Programa, Programa Ambiental, Posição Ética. In: *Enciclopédia de Artes Visuais*. Programa Hélio Oiticica.

OITICICA, Hélio. Programa Ambiental. In: *Catálogo da Exposição Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro, 1996.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PIRES, Ericson. *Cidade ocupada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

RAMME, Noéli. *Instauração: um conceito na filosofia de Goodman*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae15_Noeli_Ramme.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2017.